

*Para a História do Socialismo*

Documentos

*www.hist-socialismo.net*

Tradução do russo e edição por CN, 28.09.2011

(original: [http://publ.lib.ru/ARCHIVES/K/KAGANOVICH\\_Lazar'\\_Moiseevich/\\_Kaganovich\\_L.\\_M..html](http://publ.lib.ru/ARCHIVES/K/KAGANOVICH_Lazar'_Moiseevich/_Kaganovich_L._M..html))

---

## **Das memórias de Kaganóvitch**

*Anexos*

## Rascunho de um comentário às conversas de N.S. Khruchov com diplomatas estrangeiros (*final dos anos 50 início dos anos 60*)<sup>2</sup>

Nas conversas com representantes de potências estrangeiras, em particular dos Estados Unidos da América, em que se referiu aos acontecimentos da vida interna do partido de Junho de 1957, Khruchov afirmou:

- *O grupo antipartido interveio contra mim e outros camaradas;*
- *Interveio contra a linha do CC do nosso partido;*
- *Este grupo era constituído por pessoas presunçosas;*
- *Estavam convencidos de que os seus nomes não podiam ser repudiados;*
- *Vorochílov, Mólotov, Kaganóvitch e Malenkov consideravam-se omnipotentes;*
- *É verdade que Malenkov não é o mesmo tipo de figura que os três primeiros, os quais também tiveram no passado muito de bom;*
- *Mas não acompanharam os tempos, compreenderam mal a situação, avaliaram mal o panorama.*

Se examinarmos estas afirmações de Khruchov tornar-se-á evidente o quanto elas são erróneas e falsas. Em primeiro lugar, a intervenção foi dirigida contra Khruchov, mas não contra outros camaradas, e não foi de um grupo mas do *Presidium* do CC – da sua maioria. Em segundo lugar, é falsa a afirmação de Khruchov de que esta intervenção foi contra a linha do CC do nosso partido. Pelo contrário, foi precisamente pela concretização da linha do partido leninista e do seu CC que o *Presidium* do CC, maioritariamente, interveio contra a sua adulteração por parte de Khruchov.

Para encobrir as suas tergiversações, Khruchov identifica a sua pessoa com o Comité Central, com o partido, enquanto o *Presidium* do CC, que interveio contra Khruchov, é identificado com um grupo, o que constitui uma manifesta conversão do *Presidium* num grupo.

Khruchov precisou desta falsificação para justificar as medidas contra a maioria dos membros do *Presidium* do CC, que apelidou de grupo e até antipartido. É sabido que na Resolução do X Congresso sobre «A Unidade do Partido», Lénine indicou que os principais indícios de fraccionismo antipartido são a existência de uma plataforma especial, com os seus pontos de vista dirigidos contra o partido, e um grupo fraccionário organizado separadamente dos órgãos do partido, com uma disciplina própria, as suas reuniões organizadas, propaganda contra o CC, etc.

Nem é preciso dizer que Mólotov, Vorochílov, Kaganóvitch, Malenkov, Sabúrov, Bulgánine, Pervúkhine e Chépilov, que constituíam a maioria do *Presidium* do CC, nada tinham que se pudesse parecer com isto. Não só não havia qualquer plataforma, como nem mesmo quaisquer pontos de vista opostos aos pontos de vista do partido e do seu CC. Nas reuniões havia discussões normais, previstas nos Estatutos.

Lénine sempre exigiu documentos, factos que confirmassem quaisquer afirmações verbais. No entanto, não houve e não há sequer qualquer referência a

---

<sup>2</sup> Idem, *ibidem*, pp. 629-642. (N. Ed.)

documentos e factos que confirmem a declaração de Khruchov sobre a linha antipartido dos camaradas citados. Pelo contrário, todos os discursos, relatórios, notas, todo o trabalho prático em todas as questões e assuntos de que foram incumbidos pelo partido estavam imbuídos de conteúdo leninista e orientados para o cumprimento das decisões do partido e do seu Comité Central, em conjunto com a classe operária, o campesinato, a *intelligentsia* aos quais estavam ligados. Com efeito, não foi por acaso que Khruchov não apresentou em parte alguma nem uma só citação, um só documento, que confirmasse as suas afirmações sobre a linha antipartido do grupo de Mólotov, Kaganóvitch, Malenkov, artificialmente fabricada por ele, e, aparentemente por razões tácticas, só raramente referiu Vorochílov, o qual também estava contra Khruchov. Todo o partido e o povo soviético leram os relatórios e discursos destes camaradas e conhecem da sua acção prática, o enorme trabalho que desenvolveram sob a direcção do CC para o cumprimento das decisões do congresso, nomeadamente do XX Congresso, e do Comité Central: para o melhoramento do trabalho do partido e do Estado, para a elevação do nível de vida material e cultural dos operários, kolkhozianos e de todos os trabalhadores, para a eliminação das violações à legalidade revolucionária, pela aplicação das normas leninistas na vida do partido e dos soviets, pelo desanuviamento da situação internacional, luta pela paz e reforço da capacidade de defesa da nossa Pátria.

Tudo isto era a linha e acção únicas do partido, do seu CC e *Presidium*, que durante longos anos foram integrados pelos referidos camaradas. Por isso, as invencionices de Khruchov dividindo aqueles que se lhe opunham no *Presidium* do CC parecem extraordinárias. Sem nenhuma dúvida que estes camaradas também cometeram erros, mas não sem razão Khruchov, nas conversas com representantes estrangeiros, foi obrigado a reconhecer que no passado destes camaradas havia muito de bom.

A afirmação de Khruchov de que se tratava de um «grupo» de pessoas presunçosas constitui um artifício primário, o desejo de lançar as culpas para os outros e atribuir-lhes aquilo de que ele próprio era acusado (é que foi precisamente Khruchov quem foi acusado de presunção no *Presidium* do CC). O mesmo se aplica às suas palavras de que Mólotov, Kaganóvitch, Vorochílov e Malenkov se consideravam onnipotentes e estavam convencidos de que os seus nomes não podiam ser repudiados. A verdade é que foi precisamente Khruchov que se imaginou onnipotente e começou a maltratar os membros do *Presidium* do CC, designadamente Vorochílov, Mólotov, Kaganóvitch, Malenkov, Bulgánine e outros, levando a sua ofensiva até ao desfecho «vitorioso». Foi precisamente para justificar a sua agressividade que evocou a onnipotência do grupo antipartido.

Ao afirmar gratuitamente a existência de um grupo, Khruchov omite desavergonhadamente que, depois da crítica que lhe foi feita pelos camaradas Malenkov, Kaganóvitch e Mólotov, ele, Khruchov, na reunião, agradeceu pela crítica aos membros do *Presidium*, incluindo aos atrás referidos, e prometeu, em conformidade, corrigir os seus erros e insuficiências.

É de uma evidência absoluta que a lenda sobre o «grupo antipartido» foi inventada por Khruchov para justificar os seus métodos de direcção não leninistas, formar o seu grupo fraccionário e realizar mudanças no sentido do oportunismo.

Khruchov tenta atribuir um carácter político geral de princípio à acusação que fez aos camaradas de terem constituído um «grupo antipartido», fabricando-lhes uma «plataforma». Mas ao dizer que no passado de Vorochílov, Mólotov e

Kaganóvitch houve muito de bom, desfaz a sua invectiva, a qual é contraditada pelos factos históricos que testemunham o contrário. Khruchov profere a sua «sentença» ignorando os factos.

Sabemos pela história que os referidos camaradas se distinguiram, antes de mais, por serem fiéis ao marxismo-leninismo, por nunca terem encarado a dialéctica revolucionária como um cata-vento, não se punham, como o povo diz, de nariz no ar, não balouçavam entre o leninismo e o trotskismo, como fez, por exemplo, Khruchov na primeira metade dos anos 20.

Não digo que Khruchov se tenha oposto sempre e em todos os aspectos à linha leninista, mas sendo um excêntrico (apesar de não inteiramente e de provavelmente não conhecer o significado preciso desta palavra) e um comunista imaturo, ansiava que todos reconhecessem nele um «inovador», embora isso frequentemente fosse como deitar uma colher de fel num barrica de mel. Avaliando por alto a barrica do mel, vertia a sua colher de fel khruchoviano, com frequência mais que uma colher, o que estragava toda a barrica de mel. Sempre procurou pôr qualquer coisa a «grugulejar» para se distinguir dos outros.

Mal sabia Stáline, ao chamar para perto de si «*Mikita*»,<sup>3</sup> com o seu «grugulejar», que, o que este «grugulejaria» depois da sua morte, ultrapassaria em muito o próprio Opanass com os seus machados e o buraco no gelo.

Conta-se na Ucrânia a história do «vigoroso e inteligente» Opanass, que só se dedicava a coisas que ele próprio inventava. Uma noite acorda a mulher e diz-lhe: «*Tanko, acorda, tive uma ideia: Se juntar todos os machados da aldeia e abrir um buraco no rio, e depois lançar todos os machados para esse buraco, o grugulejar será tal que se ouvirá na aldeia*». Aliás, o próprio Khruchov contou esta história a Stáline, e este quando o via chegar dizia-lhe: «*Então diz lá, Mikita, o que é que está hoje por aí a grugulejar?*» Khruchov presenteou demasiado frequentemente o CC com os seus «grugulejos do novo», e chegou a ser bem sucedido, mas na maior parte das vezes não teve êxito e foi fastidioso. Poder-se-ia referir muitas situações em que os membros do *Presidium*, nomeadamente Mólotov, Kaganóvitch, Vorochílov, Malenkov, Bulgánine e outros, contestaram propostas de «inovações» duvidosas. Todavia, infelizmente, uma parte delas passava. Por exemplo, a inovação khruchoviana abolindo a conhecida teoria de Víliams sobre a rotação das culturas custou caro à nossa agricultura.

Mesmo ideias boas pelas quais Khruchov justamente se bateu, com frequência devido aos seus excessos, conduziram a resultados negativos (por exemplo, o milho). É claro que ele não foi nenhum inovador nesta matéria. O mérito de Khruchov resume-se a ter sublinhado a importância deste objectivo. Mas levou-o ao absurdo com as suas exigências de semear milho por toda a parte, o que fez fracassar a expansão desta cultura às regiões onde era rentável e possível. Infelizmente também hoje o milho, se não é tratado com desprezo, não lhe é dado o devido valor, e é pena.

De seguida, nas referidas conversas com os diplomatas estrangeiros, Khruchov divaga sobre Stáline e sobre as acusações contra o grupo «antipartido», imaginado por ele.

---

<sup>3</sup> Deformação do nome Nikita. Consta que Khruchov era assim tratado por Stáline. (N. Ed)

«*Nós afirmámos: as coisas não podem nem devem continuar a ser como eram com Stáline*» – disse Khruchov. – «*Eles [ou seja o grupo] responderam: Era assim e assim vai continuar a ser. Nós dissemos: Era assim, mas deixará de ser. Então eles declararam: Nós vamos afastá-lo. E o nosso partido, o nosso povo pegaram neles e afastaram-nos*».

Assim, pretendendo ser espirituoso e acutilante, na prática Khruchov descreve as coisas de forma ignara, simplista e difamatória, fá-lo no estilo e espírito da vulgar sátira burguesa. O principal, evidentemente, é que tudo isto é mentira.

O que o *Presidium* do CC disse, em primeiro lugar Mólotov, Vorochílov, Kaganóvitch e Bulgánine, foi: é preciso eliminar tudo o que há de negativo nos métodos e sistema de administração, prioritariamente, eliminar as arbitrariedades, as repressões que punem gente inocente. Mas isto não significa revogar tudo o que houve de positivo durante o período de Stáline. Com efeito, durante a direcção de Stáline houve grandiosos feitos de inspiração revolucionária: a luta contra os inimigos internos e externos da revolução e do Poder Soviético, a sua derrota; os grandiosos quinquénios, a que o povo chamou «os quinquénios de Stáline», da industrialização e colectivização socialista, de um desenvolvimento gigantesco da cultura, da ciência e de elevação do bem-estar material do povo. Cumprindo-se o legado de Lénine, o grande líder, com o trabalho heróico de milhões de pessoas sob a direcção do partido, apoiando-se em todas estas conquistas e realizações do regime socialista, foi sob a direcção directa de Stáline que se garantiu e alcançou a maior vitória da história sobre o imperialismo hitleriano na Guerra Patriótica. Depois da guerra, o povo soviético, sob a direcção de Stáline, realizou a segunda proeza: o restabelecimento de uma economia incrivelmente destruída, de cidades e aldeias; os quinquénios do pós-guerra lançaram os alicerces de um novo desenvolvimento gigantesco da nossa Pátria com base na nova técnica.

A verdade é que até a bomba atómica, que era e é uma resposta à ameaça atómico-nuclear do imperialismo americano, foi criada pelos nossos operários, cientistas e engenheiros durante a direcção de Stáline. A par do grandioso e positivo, houve erros, deficiências, arbitrariedades e ilegalidades que foram condenados pelo partido. Mas nem tudo o que houve durante Stáline – incluindo o grandioso e positivo – deve ser repudiado. Tal formulação da questão aproveita aos inimigos do socialismo, facilita a nova ofensiva da burguesia contra o nosso partido, a União Soviética e o socialismo.

Rejeitando tudo o que houve durante Stáline, Khruchov ajuda involuntariamente a ofensiva dos inimigos contra tudo aquilo que é caro ao povo, que foi alcançado com os esforços do povo durante a direcção de Stáline.

Sim, o povo, os operários, o partido e os quadros dirigentes vêem e criticam corajosamente os erros, as insuficiências, as ilegalidades. Mas não admitem que se substitua e destrua tudo o que de grandioso foi criado com Lénine e, depois dele, com Stáline. Não se pode esquecer que o povo, o partido e os veteranos da guerra e do trabalho não são alguém que esqueça pelo que passou, lembram-se bem do grito épico e abnegado dos nossos heróis marchando para a morte no ataque contra os hitlerianos: «*Pela Pátria! Por Stáline!*» Do mesmo modo, os kolkhozianos e a *intelligentsia* trabalharam abnegada e heroicamente na retaguarda sob a direcção do partido e com o nome de Stáline nos lábios.

Stáline teve erros graves e deficiências, e por isso o partido e as massas populares criticam-no a ele e a outros membros da direcção de Stáline, mas,

fazendo-o, não consentem que ninguém difame Stáline e a sua direcção e repudie tudo aquilo que é tão caro ao povo soviético: as realizações do socialismo ligadas ao nome de Stáline, que dedicou toda a sua vida à luta pelos interesses da classe operária e do campesinato, pela vitória do marxismo-leninismo.

Muitos excessos, repressões e arbitrariedades foram provocados pela luta aguda conduzida pelos inimigos internos e externos do povo soviético. Nesta luta foram cometidos erros grosseiros que vitimaram também inocentes. Mas Stáline não é o único culpado disto. Não se pode hoje armar em acusador de Stáline, com ligeireza e triunfalismo, e ainda por cima gabar-se disso e receber aplausos, como o fazem Khruchov e Mikoian que, satisfeitos consigo mesmo, agradecem esses aplausos, omitindo com isso a sua quota parte de responsabilidade no que se passou. A verdade é que o mesmo Khruchov que hoje representa o papel de benfeitor, no XVII Congresso<sup>4</sup> afirmou: «*A luta de classes não termina, e nós devemos mobilizar as forças do partido, as forças da classe operária, os órgãos da ditadura do proletariado para a eliminação definitiva dos inimigos de classe, de todos os resquícios dos oportunistas de direita e de “esquerda” e de todos os outros que queriam e querem travar a nossa justa e incessante marcha para a frente.*»

Khruchov, como todos nós, apoiou as medidas repressivas contra os «*inimigos do povo trotskistas-bukharinistas*». Nas novas condições pode-se admitir intervenções com espírito novo, mas, em primeiro lugar é preciso ser comedido, não rejeitar e transformar em negativo tudo o que de grandioso e positivo foi feito por Stáline para o partido, para a nossa Pátria. Em segundo lugar, não se pode especular a propósito dos erros, e vangloriar-se de tal «coragem», atribuindo tudo a si próprio, e assim eximir-se do círculo de Stáline, o qual tem naturalmente a sua parte de responsabilidade.

É preciso encarar esta luta, que foi travada pelo partido e pelo povo soviético contra os inimigos internos e externos da nossa Pátria Socialista, na perspectiva marxista-leninista, histórica e científica, tirar lições, revelando os erros e as arbitrariedades que vitimaram, a par de verdadeiros inimigos, também pessoas inocentes.

Foi precisamente deste modo que procedeu o *Presidium* do CC, por iniciativa do qual foi constituída a comissão para examinar e investigar os processos de todos os reprimidos, visando declarar uma amnistia, e elaborar conclusões gerais, que seriam apresentadas ao *Presidium* e ao Plenário do CC convocado especialmente para esse efeito. O *Presidium* do CC reconheceu a necessidade de não só revelar os factos, com profundidade e numa óptica política de princípio, mas também explicar ao partido e ao povo tudo o que houve de negativo no passado e que não se pode admitir no futuro. Isto foi feito depois do XX Congresso com a aprovação da circunstanciada resolução marxista-leninista do CC, «Sobre a Superação do Culto da Personalidade e as suas Consequências» Esta resolução foi aprovada por unanimidade, nomeadamente por Mólotov, Kaganóvitch, Vorochílov, Khruchov, Malenkov, Bulgánine, Mikoian, Pervúkhine, Sabúrov e outros. Esta resolução colocou toda a questão no plano político-ideológico, abriu uma corrente vivificante, regeneradora, no trabalho do partido de explicação dos erros do passado, da sua

---

<sup>4</sup> O XVII Congresso do PCU(b) realizou-se de 26 de Janeiro a 10 de Fevereiro de 1934. (N. Ed.)

não admissão no futuro, conservando e reforçando o poder do Estado Soviético e a unidade do partido.

Stáline continuou a obra de Marx e Lénine com talento e abnegação. Foi precisamente graças à fidelidade aos seus geniais ensinamentos e sua estratégia que Stáline se tornou o grande líder dos povos soviéticos. Mentem e caluniam o nosso partido e o nosso grande povo soviético os inimigos de classe e os seus lacaios que insinuem que o povo exaltava Stáline por medo. A classe operária, o campesinato kolkhoziano, a *intelligentsia* soviética, nomeadamente os cientistas soviéticos, fiéis sem reservas à sua Pátria, ao novo regime socialista, tinham consciência e estavam convictos de que o partido, o CC e Stáline, com a sua direcção e a sua linha leninista, garantiam a salvaguarda, a defesa dos imperialistas, a consolidação das conquistas do regime soviético, da Grande Revolução Socialista de Outubro, e a continuação da marcha em frente do socialismo até à vitória do comunismo.

Mesmo os que não tinham lido os volumosos tomos da História sabiam bem e sabem, lembravam-se e lembram-se das etapas principais da nossa luta difícil e sangrenta pela nova vida, sob a direcção de Lénine, e do papel de Stáline nesta luta.

Stáline foi um discípulo fiel e companheiro de luta de Lénine ao longo de toda a história do partido: nos anos da dura clandestinidade tsarista, das lutas dos operários contra os capitalistas, dos camponeses contra os latifundiários, da luta revolucionária abnegada contra as autoridades tsaristas, da luta contra os mencheviques, socialistas-revolucionários, nacionalistas, anarquistas e todo o tipo de oportunistas que minavam as forças do proletariado revolucionário.

Depois do derrubamento do governo tsarista, na luta contra o governo burguês que lançou Lénine na clandestinidade, Stáline, substituindo Lénine, leu o relatório no VI Congresso e, juntamente com Sverdlov e outros, dirigiu a preparação da Grande Revolução Socialista de Outubro, realizada por operários e soldados sob a direcção genial de Lénine.

Nos duros anos da guerra civil, Stáline foi incessantemente enviado pelo CC para as principais frentes como dirigente dos conselhos militares. O partido e o povo conhecem o seu importante papel na vitória sobre Deníkine, Iudénitch e Koltchak.

Depois do fim vitorioso da guerra civil, sob a direcção do nosso genial Lénine, Stáline ajudou Lénine como membro do Conselho do Trabalho e da Defesa, como comissário do Controlo Estatal, como comissário para os Assuntos Nacionais e como membro do *Politburo* do CC: na concepção e aplicação da Nova Política Económica, na resolução das novas e difíceis tarefas do restabelecimento da economia nacional destruída pela guerra, na direcção do partido, na luta contra o trotskismo e outros grupos e fracções oposicionistas que levantavam a cabeça, intervindo como forças organizadas com as suas plataformas contra o CC, contra Lénine, e que ameaçavam dividir e desintegrar o partido, o que foi evitado por Lénine com a ajuda de Stáline.

No momento mais penoso, o da morte de Lénine, líder e fundador do partido, Stáline foi o membro do *Politburo* em torno do qual se uniu a maioria do partido, do CC e da Comissão Central de Controlo, com vista ao prosseguimento da política de Lénine e ao cumprimento do seu legado. Poderão o povo e o partido esquecer o grande juramento que fizeram pela boca de Stáline junto à sepultura de Lénine, o defunto mestre amado e pai do partido? Este juramento constituiu durante muitos anos o dever sagrado de dezenas de milhões de pessoas no seu trabalho heróico e na luta pela construção do socialismo, pela consolidação do Estado multinacional

soviético, fundado por Lénine, a grande União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

Depois da morte de Lénine surgiu um novo grande perigo ante o partido: os trotskistas e outros oposicionistas, os zinovievistas-kamenievistas que se lhes juntaram, e depois os desviacionistas de direita, os rikovistas e bukharinistas, que pressionavam o partido para renegar à construção do socialismo. Sob diferentes explicações da natureza da *NEP*, à direita e à esquerda, na prática preconizavam o alargamento do quadro da *NEP*, o desenvolvimento das relações burguesas, aplicando isto também às relações com a burguesia estrangeira. Tal significava o fim de todas as conquistas da Revolução Socialista de Outubro.

A perda de Lénine – o qual com a sua autoridade poderia com mais facilidade dominar todos estes desviacionistas, que na prática eram inimigos do socialismo – agravou o perigo tanto para o partido como para o socialismo, e para a própria existência do Poder Soviético. E eis que neste momento, para grande felicidade do partido, verificou-se que entre os membros do *Politburo* se destacava Stáline, o qual, apesar das suas insuficiências, possuía qualidades positivas que predominavam sobre as insuficiências. A sua firmeza teórica e ideológica de princípio, a sua fidelidade ao marxismo-leninismo, o conhecimento profundo e a compreensão da estratégia e da tática de Lénine, o seu talento organizativo, a capacidade para unir pessoas tanto no plano ideológico como no plano prático e operativo, que eram reconhecidos pelo partido, pelo povo e pelo CC, fizeram dele a pessoa que, juntamente com o núcleo leninista, encabeçou a obra de Lénine, a realização do seu legado com vista à construção do socialismo na URSS.

No entanto, a aplicação da política de Lénine sem Lénine enfrentou por parte dos trotskistas e outros oposicionistas uma resistência muito maior do que enquanto Lénine esteve vivo. Os opositores travavam uma luta encarniçada contra a política leninista, atacando antes de mais o CC, Stáline e o núcleo leninista – os velhos bolcheviques – que estava unido em torno dele. Sabemos pela história do partido qual a perfídia fraccionária da luta desencadeada pelos trotskistas e semelhantes. No entanto, a eles contrapôs-se a força da direcção leninista do CC, encabeçada por Stáline, digno continuador da obra de Lénine, e o partido venceu!

Os inimigos e os caluniadores apresentam a luta travada como uma simples e trivial luta pelo poder pessoal. Trata-se de uma mentira descarada. Na verdade, esta foi uma luta pelo socialismo, pelo internacionalismo, contra o aburguesamento do Estado e do próprio partido, pelo papel dirigente do proletariado e da velha guarda leninista, pelo reforço do partido, da sua composição social, para garantir o êxito da luta contra o nepmanismo, os elementos burgueses e kulaques, pela ofensiva do socialismo em toda a frente, pelo fortalecimento das posições internacionais do nosso Estado socialista da ditadura do proletariado, pelo fortalecimento das posições internacionais do nosso partido leninista no movimento comunista e operário internacional. A luta era complexa e aguda. Stáline, paciente e firmemente contra atacou a ofensiva trotskista. Mentem os caluniadores que afirmam que Stáline teria alegadamente ajustado contas com os trotskistas e outros oposicionistas unicamente através de medidas administrativas e «*em regime acelerado*». Pelo contrário, Stáline e todo o CC e a Comissão Central de Controlo travaram uma prolongada luta ideológica de princípio, esperando que, senão a maioria, pelo menos uma parte deles se demarcasse. Com efeito, é um facto que o partido e o seu CC lutaram pacientemente contra a oposição durante 15 anos, e só

depois foram aplicadas medidas de Estado, repressões, incluindo até processos judiciais e execuções. Isto aconteceu já num momento em que os oposicionistas enveredaram pelo caminho da diversão, da sabotagem e do terror, até mesmo da espionagem. Antes do seu total desmascaramento, eles intervinham nas reuniões, conferências (recorde-me da intervenção de Sokolnikov e de outros na conferência de Moscovo do partido em 1934). Com efeito, é um facto que Trótski e Zinóviev, conduzindo uma luta oposicionista, se mantiveram como membros do *Politburo* ao longo de vários anos, até organizarem abertamente a sua manifestação contra o Governo, em 1927, no dia do 10.º aniversário da Revolução de Outubro. Lembro-me de nós, então jovens tchequistas, por exemplo, Kaganóvitch, Kírov, Mikoian, termos perguntado a Stáline porque é que os tolerava no *Politburo*, e ele respondeu-nos: «*Nestes casos não pode haver precipitação. Em primeiro lugar é possível que eles ainda ganhem juízo e não nos obriguem a expulsá-los como medida extrema, em segundo lugar, é preciso que o partido compreenda a necessidade da sua expulsão*».

O partido, a classe operária, as massas populares revolucionárias, sofrendo a dolorosa perda de Lénine, superando as dificuldades da vida nas condições da luta pela reconstrução, viam que a direcção do partido, encabeçada por Stáline, prosseguia digna e conseqüentemente a obra de Lénine, dirigia o seu trabalho heróico e abnegado pelo restabelecimento da economia destruída e a realização do grandioso plano de Lénine de electrificação do país, a sua industrialização e colectivização, para a construção com êxito do socialismo no nosso País dos Sovietes, sitiado por capitalistas.

A classe operária, o campesinato revolucionário e a *intelligentsia* soviética viam que estas grandiosas tarefas da construção do socialismo eram realizadas numa batalha difícil contra as forças imperialistas inimigas externas, contra forças internas da burguesia renascidas nas condições da *NEP*, que continuavam a apostar na restauração do poder do capital na Rússia, na URSS, e davam passos desesperados fazendo ressurgir o banditismo, implantando a espionagem, organizando a diversão e o terror, e outras acções semelhantes anti-soviéticas e contra-revolucionárias.

Nesta luta contra o Estado soviético e o partido contavam também com a ajuda das forças contra-revolucionárias de uma parte da pequena burguesia, que se opunha à construção do socialismo.

Os verdadeiros marxistas-leninistas viam e compreendiam que, do ponto de vista marxista, tudo isto encontrava a sua expressão política não só no menchevismo, no socialismo-revolucionário, mas também no interior do nosso partido, no grupo do trotskismo menchevizante, ao qual se uniram os zinovievistas, os kamenievistas, bem como outros oposicionistas que se manifestavam com sonoras mas falsas bandeiras e designações: «Oposição Operária», «Centralismo Democrático», e mais tarde sem qualquer disfarce (como no caso da fracção kulaque desviacionista de direita bukharinista-rikovista). A luta contra todos estes grupos e fracções era mais difícil do que com o menchevismo declarado e o socialismo-revolucionário, porque, em primeiro lugar, estavam no interior do próprio partido, em segundo lugar porque entre eles havia também gente honesta que simplesmente se tinha desviado do leninismo. Mas esta luta era uma necessidade histórica, tanto contra os inimigos conscientes e activos do leninismo

como contra os seus cúmplices involuntários. Os operários e o povo revolucionário compreenderam isto e apoiaram o partido, o seu CC e Stáline nesta luta.

Esta foi uma luta contra a «quinta coluna» do fascismo hitleriano que ascendeu ao poder na Alemanha e se preparava para a guerra contra o País dos Soviéticos. Hoje, mais do que nunca, pode-se afirmar que esta luta política e a eliminação da «quinta coluna» na URSS tiveram um enorme papel histórico na vitória na Guerra Patriótica sobre o inimigo da humanidade – o fascismo alemão.

O partido e os povos soviéticos aperceberam-se disto com o seu instinto revolucionário de classe e a consciência de patriotas e internacionalistas revolucionários, e por isso apoiaram o Comité Central e o Governo nesta luta difícil encabeçada por Stáline.

Os inimigos de classe, em particular os agentes do imperialismo, apresentam de forma caluniosa tudo isto como se estas matilhas de bandidos, espíões, diversionistas fossem alegadamente uma invenção de Stáline para eliminar os seus inimigos pessoais. Trata-se de uma diversão ideológica do imperialismo.

Infelizmente, mesmo que involuntariamente, são ajudados efectivamente por aqueles «acusadores» do «culto da personalidade de Stáline» que, em vez de uma crítica partidária honesta dos erros ocorridos, alimentam, de forma especulativa, sensacionalista e pequeno-burguesa, uma campanha demagógica no nosso partido e nas massas. Escamoteiam as condições históricas daquela época, a agudeza da luta contra os inimigos da União Soviética. Atribuem a Stáline, às suas características pessoais negativas, todas as razões das tergiversações e erros nesta luta. Ignoram o principal, a necessidade histórica desta luta, à qual, infelizmente, se juntaram razões de carácter subjectivo. Isto diz respeito não só a Stáline, mas também a outros membros da direcção de Stáline do CC e do Governo, nomeadamente Mólotov, Vorochílov, Kaganóvitch, Malenkov, e àqueles que hoje representam o papel de heróis acusadores «inocentes»: Khruchov, Mikoian, Chverník e outros.

É falso que, alegadamente, Mólotov, Vorochílov, Kaganóvitch e Malenkov neguem os erros de Stáline. Todavia, ao contrário de Khruchov e dos camaradas que o apoiam – Mikoian e Chverník –, consideram que na figura de Stáline, em toda a sua acção partidária revolucionária histórica, predominou o grande, o positivo. Consideram que a experiência e as lições da efectivamente grandiosa, não inflada artificialmente, obra de Stáline na direcção do partido, do povo soviético de todas as nacionalidades, depois de Lénine e ao longo de 30 anos, constitui um grande capital, não apenas histórico, mas actual, como toda a experiência do marxismo-leninismo. Este grande capital, a experiência de Stáline, não pode ser vista de um modo leviano e pequeno-burguês.

Os velhos bolcheviques e o *Presidium* do CC afirmavam: devemos criticar, suprimir e não permitir no futuro tudo o que de negativo foi admitido na prática de Stáline e da direcção de Stáline, tanto por razões objectivas como subjectivas. Isto prejudica a nossa marcha em frente na via para o comunismo. Mas não devemos deitar fora a experiência de Stáline e de todos nós, a experiência e as lições da luta contra os inimigos internos e externos do socialismo, os quais podem ainda aparecer, repetir a experiência do fascismo hitleriano e da sua «quinta coluna», que foi destroçada, mas pode ressurgir. Stáline e a sua grande experiência pertencem ao partido, ao Estado soviético, aos povos soviéticos e à sua vanguarda – a classe

operária, que nas condições actuais do nosso Estado soviético conserva e deve conservar o seu papel dirigente, o papel hegemónico.

Ninguém conseguirá apagar a memória de Stáline no nosso país, onde foi venerado, respeitado, saudado, a quem se manifestava dedicação e amor em cartas (enviadas nomeadamente da Ucrânia, «*Ao querido pai Stáline*», em cuja redacção Khruchov participou e subscreveu).

Ninguém conseguirá eliminar Stáline da história da grande luta dos povos da URSS e do partido, como talentoso companheiro de Lénine, grande líder aclamado do partido e dos povos soviéticos, comandante do Exército Soviético, teórico e prático revolucionário do movimento comunista e operário internacional. Ao criticarmos os erros de Stáline e não permitir a sua repetição, mantemos no arsenal da nossa Pátria e do partido toda a sua rica experiência e lições da luta pela vitória do socialismo.